



**A FORMAÇÃO DE ADJETIVO EM -OSO NO PORTUGUÊS
ARCAICO: UMA ANÁLISE MORFOFONOLÓGICA**

**THE FORMATION OF ADJECTIVES WITH -OSO SUFFIX IN
ANCIENT PORTUGUESE: A MORPHOPHONOLOGICAL ANALYSIS**

Tamires Costa e Silva Mielo¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar a análise morfológica e fonológica da formação de adjetivos em -oso no Português Arcaico. Para tal, foram coletados 35 adjetivos com essa formação, das 100 primeiras Cantigas de Santa Maria, documento representativo da época aqui considerada Português Arcaico. Os vocábulos foram primeiramente submetidos à análise morfológica, segundo a teoria dos Constituintes imediatos, por meio da qual verificou-se que a maior parte dos adjetivos formados pelo sufixo -oso (26 de um total de 35) são derivados de substantivos. Ao observar a formação dos adjetivos em questão, constatou-se que eles passam por um processo de adaptação morfofonológica, como a supressão da vogal temática, o que é o caso do adjetivo ‘espantoso’ (‘espanto’ + -oso > ‘espantoso’), por exemplo. Passou-se, então, à análise fonológica desses processos por meio da Teoria da Otimalidade, que se baseia no ranqueamento de restrições gramaticais vigente em um determinado sistema linguístico. Diante desta teoria, foram elaborados *tableaux* que indicam as restrições violadas pelas formações e a possível hierarquia dessas restrições. De acordo com os dados, foi visto que a restrição MAX, a qual proíbe a supressão de elementos do *input* no *output*, é a mais baixa da hierarquia neste contexto fonológico, visto que é violada na maioria dos casos, enquanto que restrições como COMPLEXNUCLEUS, *HIATUS e CONDCODA mostraram-se mais altas na hierarquia.

PALAVRAS-CHAVE: formação de adjetivos; sufixo -oso; Português Arcaico; morfofonologia; Teoria da Otimalidade.

¹ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp Araraquara. E-mail: tamires.mielo@gmail.com.

Recebido em: 31/05/2018

Revisado: 25/11/2018

Aceito em: 03/12/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

ABSTRACT

This paper aims to present a morphological and phonological analysis of the adjectives formed by -oso suffix in Ancient Portuguese. To do so, 35 adjectives from the 100 first *Cantigas de Santa Maria* have been collected. The words were first given under a morphological analysis, according to Immediate candidates theory though which was verified that most of the adjectives formed by -oso suffix (26 out of 35) come from nouns. Observing the formation of such adjectives we realized that they go through a morphophonological adaptation, the theme vowel suppression, which is the case in *espantoso* (*espanto* + -oso > *espantoso*), for example. Then we got to a phonological analysis through Optimality Theory, based on the ranking of specific grammatical constraints for each system. With this theory, we have created *tableaux* that indicate violated constraints and a possible hierarchy for them. According to data, we have seen that the constraint MAX, which forbids the suppression of elements, is the lowest in the hierarchy, since it's violated in most cases, whilst constraints like COMPLEXNUCLEUS, *HIATUS and CONDCODA appeared to be higher in the hierarchy.

KEYWORDS: adjectives formation; -oso suffix; Ancient Portuguese; morphophonology; Optimality Theory.

Introdução

Todos os dias novas palavras surgem no Português brasileiro (doravante PB), seja por empréstimo de outras línguas ou por meio de novas formações. Os estrangeirismos geralmente passam por adaptações fonológicas para se adequarem ao sistema fonológico da nossa língua, e o mesmo acontece às novas formações: o falante, ao utilizar uma formação nova, mesmo que inconscientemente, mobiliza regras morfofonológicas de sua língua, de modo que essa nova palavra se adeque ao seu sistema articulatorio e produza significado.

Analisando vocábulos contemporâneos, é possível observar processos morfofonológicos comuns, como é o caso da formação do adjetivo 'guloso': ele foi formado a partir da junção da base 'gula' ao sufixo -oso, comum formador de adjetivos no PB. Nesse processo de formação, houve a queda da vogal temática 'a' da base. Para explicar esse e outros processos, a Teoria da Otimalidade (doravante TO), de Prince e Smolensky (1993), faz uso da hierarquia de restrições fonológicas, prosódicas, morfológicas e sintáticas que são próprias a cada língua. Segundo Cagliari (2002, p. 132), a TO considera a violação dessas restrições como o centro de articulação das línguas. Essa teoria reconhece que há a violação de restrições e baseia sua hierarquia na relevância linguística desempenhada pela restrição na caracterização do fenômeno estudado. Desse modo, restrições constantemente violadas são consideradas baixas na hierarquia, pois sua violação não apresenta problemas para a produção daquele sistema, enquanto restrições não ou pouco violadas encontram-se mais altas na hierarquia, visto que sua violação comprometeria a elaboração da mensagem. No presente trabalho, atender-nos-emos para a hierarquia de restrições fonológicas. Por exemplo, a queda da vogal temática na formação em questão ('guloso') pode ser explicada na TO por meio da restrição *HIATUS, que proíbe a formação de hiatos no *output*.

Tendo em vista a adaptação morfofonológica como algo natural das línguas, propõe-se, neste artigo, uma reflexão a respeito da hierarquia de restrições fonológicas na formação de adjetivos no Português Arcaico (doravante PA), mais especificamente na de adjetivos formados pelo sufixo -oso.

Diante desse objetivo, foram coletados os adjetivos com formação em -oso das primeiras 100 (cem) Cantigas de Santa Maria, documento escolhido para representar o Português do século XIII, por sua grande importância histórica e cultural. Eles foram analisados morfológica e fonologicamente, e a hierarquia apresentada mostrou-se válida para a formação de 97,15% dos vocábulos deste contexto fonológico específico (base + sufixo -oso).

Fundamentação teórica

A princípio, é preciso apontar de que pontos de vista alguns conceitos são utilizados nesses estudos. Começamos pelo conceito de vogal temática (VT). As vogais temáticas são vogais que marcam as classes dos nomes e verbos e se encontram junto ao radical para formar uma base, à qual será adicionada uma desinência. Em relação às vogais temáticas nominais, Kehdi (2004, p.35) estabelece uma diferença entre as vogais temáticas -o, -a e -e e as desinências de gênero -o e -a no português. Para a identificação das desinências de gênero, seria preciso identificar a comutação para indicar a mudança de gênero. No exemplo ‘menin-o – menin-a’ temos, segundo o autor, desinências de gênero, pois a comutação de um pelo outro muda o gênero da palavra. Enquanto no caso ‘livr-o – livr-a’, a comutação entre as duas vogais não está indicando mudança de gênero e seriam, portanto, vogais temáticas, a primeira nominal e a segunda verbal, pertencendo a palavras diferentes, o que descaracteriza o processo de flexão.

Porém, neste trabalho, não será adotado o ponto de vista de Kehdi (2004) para a questão das vogais temáticas, visto que acreditamos que, mesmo em vocábulos passíveis de flexão de gênero, a forma presente na consciência lexical do falante é aquela do masculino, e não apenas um radical sem vogal temática (menin-). Em consonância com Câmara Jr. (1989 [1970]), acreditamos que o que está no léxico é ‘menino’, forma não marcada para gênero, ou seja, o morfema Ø indica masculino. Outro argumento a favor disso é o fato de que, quando precisamos generalizar o substantivo, usamos a forma do masculino. Por exemplo, um professor tem ‘alunos’ e ‘alunas’, mas, quando se refere a eles de maneira geral, diz ‘meus alunos’, usando a forma do masculino. Isso prova que a forma ‘aluno’ é responsável, também, pela transmissão do conceito “aluno”, sem a definição do gênero gramatical especificamente. Vale ainda afirmar que vocábulos terminados em vogal tônica ou em consoante são considerados atemáticos.

Já em relação às vogais temáticas verbais, não parece haver grandes divergências entre os autores. Elas são três (-a, -e, -i) e indicam as conjugações dos verbos (primeira, segunda e terceira, respectivamente). Dentre elas, a mais produtiva é a da primeira conjugação, visto que novas formações verbais, se ocorrerem, pertencerão a ela (KEHDI, 2004 p. 36). Ademais, as

vogais temáticas possuem variações e sofrem processos fonológicos quando diante das desinências. É o caso, por exemplo, da vogal temática -e do verbo vender que, diante da desinência modo-temporal -ia, sofre alçamento e crase (vende + ia > vendi + ia > vendia). Dessa forma, podemos afirmar que a vogal temática nunca será Ø, pois, quando ela não aparece na realização da palavra, isso se deve ou ao processo morfofonológico de supressão ou ao processo de crase.

Além disso, é preciso explicitar a definição de derivação, processo que se caracteriza, principalmente, pela adição de um afixo, seja ele um prefixo ou um sufixo, a uma base, com exceção da derivação regressiva. A derivação difere-se da composição pelo fato de formar uma palavra nova a partir de uma única base. Neste processo, o novo vocábulo formado conserva ainda uma relação de significado com essa base. No português, podemos destacar quatro tipos de derivação morfológica: prefixal, sufixal, parassintética e regressiva. Além deles, há um caso de derivação morfosintática, chamado de derivação imprópria, ou conversão.

Visto que 100% dos vocábulos analisados neste trabalho se trata de derivações sufixais, ater-nos-emos a este tipo de derivação. Na derivação sufixal ou sufixação, na maioria das vezes, a anexação de um sufixo muda a classe da palavra-base. O sufixo -mento, por exemplo, regularmente se junta a verbos para formar substantivos (lançar > lançamento, julgar > julgamento); contudo, em ‘boiada’, temos o sufixo -ada, que formou outro substantivo ao se juntar à base ‘boi’, também substantivo. Ou seja, a derivação sufixal pode ou não mudar a classe da palavra.

Não podemos ignorar o fato de que a formação de novos vocábulos não se dá apenas a partir de bases livres já existentes (palavras de conhecimento do falante), mas também de formas presas (ROCHA, 1999, p. 117). Pensemos nos paradigmas ‘pastel-pastelaria-pasteleiro’ e ‘carpintaria-carpinteiro’. Em ambos, por meio das RAEs (Regras de análise estrutural)², podemos destacar os sufixos -aria e -eiro, que significam, respectivamente, ‘lugar onde se faz/fabrica X’ e ‘pessoa que faz/fabrica X’, em que X é a base da qual se derivaram as novas palavras. No caso do primeiro paradigma, X é uma base livre (‘pastel’), dotada de significado, ao passo que, no segundo paradigma, a base carpint- não existe livremente na língua. No entanto, não podemos dizer que ela não possui “um conjunto de traços semânticos bem definidos” (ROCHA, 1999, p. 117), tornando possível a sua combinação com outras formas presas. Outros exemplos de derivação a partir de bases presas foram encontrados no *corpus* deste trabalho e serão discutidos na seção correspondente à análise dos vocábulos.

Passemos à explicação da análise morfológica em Constituintes Imediatos (doravante CI), que será utilizada para analisar a formação dos vocábulos do *corpus*. Nas palavras de Kehdi (1992, pág. 12) o vocábulo “não é uma sequência de morfemas, mas uma superposição de blocos binários”. Para exemplificar, observa-se o substantivo ‘realização’. Primeiramente, podemos depreender o sufixo -ção, que exprime ação ou resultado da ação, e se liga, comumente,

² Segundo Basílio (1980), as RAEs são mecanismos inerentes aos falantes que lhes possibilitam reconhecer novas palavras.

a verbos ('realizar', no caso). No próximo nível, vemos o sufixo -izar, formador de verbos a partir de adjetivos ('real', no caso). Isso nos mostra que o vocábulo se constitui pela sobreposição de camadas, e cada uma dessas camadas possui um elemento central (a base) e um periférico (o afixo).

Kehdi (1992, pág. 13) ressalta as vantagens da análise em CI: (1) não é atribuído aos morfemas antecedentes e consequentes o mesmo grau de aderência, evitando uma descrição longa e não correspondente à verdadeira formação do vocábulo; (2) cada camada apreendida pode ser analisada considerando as características de sua classe gramatical. Isso quer dizer que o vocábulo 'realização' não é diretamente derivado do vocábulo 'real', mas sim do vocábulo 'realizar', que, por sua vez, é derivado do vocábulo 'real'. Sendo assim, a análise em CI nos permite verificar o verdadeiro funcionamento dos afixos. Abaixo pode-se observar o diagrama de análise dessas palavras.

(1) [[realiza]verbo+[ção]sufixo]substantivo

[[real]adjetivo+[izar]sufixo]verbo

É importante ressaltar que, na formação de 'realização', o que entra na base é o tema do verbo, e não o infinitivo, e que isso acontece com praticamente todas as palavras formadas por derivação sufixal a partir de verbos.

Por fim, resta-nos detalhar o funcionamento e aplicação da TO – também conhecida como Teoria da Otimidade – ou Optimality Theory, que foi proposta nos trabalhos seminais de Alan Prince e Paul Smolensky, em 1993. Apesar de ser mais conhecida nos trabalhos relacionados à Fonética e à Fonologia, essa teoria tem aplicação em todos os níveis da gramática (CAGLIARI, 2002, p. 132). A ideia de restrições – base para a TO – não era nova nos estudos da linguagem, mas, segundo Cagliari (2002, p. 132), a TO trouxe uma novidade para esses estudos ao considerar a violação dessas restrições como centro da articulação das línguas. A TO não desconsidera as restrições linguísticas; ela, pelo contrário, baseia sua descrição de uma língua na hierarquia que suas restrições formam ao serem reconhecidas como mais ou menos violáveis.

Uma análise segundo essa teoria propõe um ranqueamento de restrições, que são, a princípio, universais, ou seja, essas restrições estão presentes em todas as línguas naturais. No entanto, em cada um desses sistemas, as restrições encontram-se em uma hierarquia diferente. O que quer dizer que as restrições presentes no sistema do português também se encontram no sistema do inglês, por exemplo, mas, em cada uma dessas línguas, essas restrições são consideradas mais ou menos violáveis, o que faz do ranqueamento algo diferente e único em cada sistema. Essas restrições, hierarquicamente combinadas, geram *outputs* possíveis na língua analisada, dentre os quais encontra-se o candidato ótimo, ou seja, o que efetivamente ocorre naquele sistema. Para indicar o candidato ótimo, usa-se o símbolo σ . Há, ainda, a possibilidade de um segundo candidato, entre os possíveis gerados, estar em variação com o candidato ótimo.

Neste caso, é utilizado o símbolo ☺ e este candidato é intitulado ‘simpático’ (McCARTHY, J. 1999). Ao longo das análises, veremos como as restrições pertinentes ao contexto fonológico em questão se organizam no *tableau*.

Metodologia

Para coletar adjetivos representativos do Português arcaico, recorreu-se às Cantigas de Santa Maria, mais precisamente às primeiras 100 cantigas da edição de Mettmann (1959), e ao glossário do mesmo autor (1972). Ao todo, foram coletados 191 adjetivos derivados, dos quais 35 são formados por derivação sufixal a partir do sufixo -oso, ou seja, 35% do total.

Depois de coletados, os adjetivos foram submetidos à sua análise morfológica, em constituintes imediatos, para, em seguida, passarem pela análise fonológica, por meio da TO.

Durante as análises, verificou-se que os adjetivos formados por sufixação em -oso são, em sua maioria, derivados de substantivos. Há também os que são formados a partir de bases pre-sas e verbos, como veremos a seguir, mas estes representam uma pequena porcentagem desse grupo de vocábulos.

Ao passar pela análise fonológica, viu-se que o processo morfofonológico mais comumente desencadeado foi a supressão ou queda da vogal temática. Sendo assim, acreditamos que uma certa hierarquia de restrições está vigente neste contexto fonológico, dentro do sistema do PA, para que sempre haja a queda desse segmento. Observemos, a seguir, como se configuram as análises morfológica e fonológica desses vocábulos.

Sufixação em -oso

Passemos agora à descrição dos vocábulos formados pelo segundo sufixo mais recorrente no corpus: -oso. Ele representa 18% das formações, com um total de 35 vocábulos. Abaixo podemos observar a lista de adjetivos formados por sufixação em -oso, analisados por meio de constituintes imediatos:

Quadro 1: Adjetivos formados por sufixação em –oso

Adjetivo	Significado	Processo de formação
Aguçoso	Apressado, diligente	[[aguça] _{verbo} + [oso] _{suf}] _{adj}
Astroso	Desgraçado, infeliz	[[astro] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Avondoso	Que tem abundância	[[avondo] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Ceoso	Cioso	[[ceo] _{raiz} + [oso] _{suf}] _{adj}
Choroso	Chorosos	[[choro] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Coitoso	Afrito, desgraçado	[[coita] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Desejoso	Desejoso	[[desejo] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Dooroso	Doloroso	[[door] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Engêoso	Inteligente	[[engêo] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Espantoso	Espantoso	[[espanto] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Fremoso, fremosa	Formoso, formosa	[[frem] _{raiz} + [oso] _{suf}] _{adj}
Fumoso	Que exala fumo ou vapores	[[fumo] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Goyoso	Gozoso	[[goyo] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Grorioso	Glorioso	[[groria] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Maravilloso	Maravilhoso	[[maravilla] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Meguadoso	Necessitado, indigente	[[minguado] _{adj} + [oso] _{suf}] _{adj} [[mengua] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Mentiroso	Mentiroso	[[mentira] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Misericordioso	Misericordioso	[[misericordia] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Nervioso	Nervudo	[[nervio] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Nojoso	Aborrecido, descontente	[[nojo] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Omildoso	Humilde	[[omilda] _{verbo} + [oso] _{suf}] _{adj}
Orgullosso	Ogulhoso	[[orgullo] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Perdidoso	Prejudicado, com perda	[[perdido] _{adj} + [oso] _{suf}] _{adj} [[perde] _{verbo} + [do] _{suf}] _{adj}
Perigoso	Perigoso	[[perigo] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Piadoso	Piedoso	[[piadade] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Poderoso	Poderoso	[[poder] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Precioso	Precioso	[[prez] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Preguiçoso	Preguiçoso	[[preguiça] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}

Religioso	Religioso	[[religion] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Revoltoso	Revoltante	[[revolta] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Saboroso	Saboroso	[[sabor] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Sobervioso	Soberbo	[[sobervia] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Vagaroso	Lento, demorado	[[vagar] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Veloso	Que tem velo	[[velo] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}
Viçoso	Delicioso, agradável, viciante	[[viço] _{subs} + [oso] _{suf}] _{adj}

Grande parte dos vocábulos em -oso são formados a partir de substantivos, como pode ser observado em ‘saboroso’ (‘sabor’ + -oso), ‘perigoso’ (‘perigo’ + -oso), ‘veloso’ (velo + -oso), ‘religioso’ (‘religion’ + -oso), ‘precioso’ (‘prez + -oso) e outros. No entanto, alguns deles fogem a essa regra.

Em ‘ceoso’, que significa ‘ciumento’, ‘zeloso’, não há uma base livre à qual é anexado o sufixo -oso, mas uma base presa ‘ceo’, derivada do latim, *zelum*, segundo o dicionário Michaelis Online (disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cioso/>). O reconhecimento desse tipo de estrutura só é possível graças às RAEs, por meio das quais podemos reconhecer o sufixo -oso, formador de adjetivos e, por isso, sabermos que aquele vocábulo foi formado a partir de outra base, seja ela independente ou não. O mesmo se pode dizer do vocábulo ‘fremoso’: apesar de a base ‘frem’ – que evoluiu para ‘form’ no PB atual, segundo Fontes (2010, p. 154) – não ser uma forma livre, ela carrega em si um significado, além do fato de se ligar a outros sufixos para formar diferentes tipos de vocábulos, como ‘fremosura’ (METTMANN, 1972, p. 151), que são encontrados no glossário. Há também o adjetivo ‘aguçoso’, formado a partir de um verbo, cujo tema é ‘aguça’.

Por fim, há dois casos especiais de adjetivos em -oso, que são formados a partir de adjetivos já derivados: ‘menguadoso’, de ‘menguado’, e ‘perdidoso’, de ‘perdudo’. É possível notar que, primeiramente, houve a formação de adjetivos a partir dos verbos ‘menguar’ e ‘perder’, respectivamente. Em seguida, para atender às rimas das cantigas, foram criados novos adjetivos com os mesmos significados, adjungindo-se o sufixo -oso. Tal processo não é comum no PB atual, visto que não há adjetivos em -oso derivados de outros adjetivos, mas, no PA, foi um processo criado para adequar alguns adjetivos a exigências específicas.

Assim como na maioria dos casos de sufixação, vê-se, na derivação em -oso, a grande ocorrência de queda da vogal temática da base diante da adjunção do sufixo. Com exceção de ‘fremoso’, que deriva de uma base presa, sem vogal temática, e ‘saboroso’, que deriva de ‘sabor’, vocábulo atemático. Esses processos serão analisados mais detalhadamente na parte dedicada à análise fonológica.

Na formação do adjetivo ‘precioso’, a partir do substantivo ‘prez’, pode-se identificar alguns processos morfofonológicos: primeiramente ocorre o desvozeamento de [z] para [s] (‘prez’ + -oso > ‘preçoso’), e, em seguida, a inserção da vogal alta [i] (‘preçoso’ > ‘precioso’).

Há, também, um caso de haplologia, na formação de ‘piadoso’, formado a partir de ‘piadade’. Diante da junção do sufixo -oso ocorre, primeiramente, a queda da VT (‘piadade’ + -oso > ‘piadadoso’), o que deixa duas sílabas seguidas com o mesmo segmento no *onset* ([d]). Desta maneira, ocorre haplologia, que é a queda de uma sílaba inteira ([da]), formando ‘piadoso’.

Queda da vogal temática à luz da TO

Dos 35 vocábulos que apresentam sufixação em -oso, 32 apresentam queda da VT no seu processo de formação, fazendo deste o principal processo morfofonológico desencadeado na sufixação em -oso. Vejamos como esse processo pode ser explicado pela TO, a começar pelas restrições mobilizadas nos *tableaux*:

1. MAX-IO: restrição de fidelidade que diz que todo elemento presente no *input* precisa estar presente no *output*;
2. DEP-IO: restrição de fidelidade que diz que no *output* não deve haver nenhum elemento a mais do que os que estão no *input*;
3. *HIATUS: restrição fonotática que proíbe a formação de hiatos no *output*;
4. CONDCODA: restrição fonotática que especifica quais elementos fonológicos podem ocupar a coda silábica;
5. COMPLEXNUCLEUS: restrição fonotática que proíbe a formação de ditongos, ou seja, ramificações do núcleo no *output*.

A partir destas restrições, podemos observar o seguinte *tableau* para o vocábulo ‘mentiroso’:

Quadro 2: Análise de ‘mentiroso’

/meN.'ti.ra/ + /o.zo/	COMPLEX NUCLEUS	CONDCODA	*HIATUS	DEP	MAX
[mẽ.ti.ra.'o.zo]			*!		
[mẽ.ti.rao.zo]	*!				
^o [mẽ.ti.'ro.zo]					*
[mẽ.ti.ra.'ro.zo]				*!	

Nesse *tableau* é possível observar que a restrição MAX é a mais baixa da hierarquia, visto que o candidato ótimo [mẽ.ti.'ro.zo] viola esta, e apenas esta restrição. Além do candida-

to ótimo, foram gerados outros três *outputs*: [mẽ.ti.ra.'o.zu], que viola a restrição *HIATUS; [mẽ.ti.rau.zu], que viola COMPLEXNUCLEUS; e [mẽ.ti.ra.'ro.zu], que viola a restrição DEP. Neste último caso, a inserção do tepe no *output* ([r]) se deu por analogia a outros vocábulos do mesmo sistema, como 'dereitureiro' (Cantiga 45 – formado a partir da base 'dereito' + o sufixo -eiro). A inserção mostrou-se pouco comum entre os adjetivos formados pelo sufixo -oso – aparece apenas uma vez, com a inserção da vogal [i] em 'precioso'.

Reforçando essa hierarquia, podemos observar o *tableau* referente ao vocábulo 'omildoso', formado a partir da base do verbo 'omildar' (omilda-):

Quadro 3: Análise de 'omildoso'

/o.'mil.da/ + /o.zu/	COMPLEX NUCLEUS	CONDCODA	*HIATUS	DEP	MAX
[o.'mil.da.o.zu]			*!		
[o.mil.dau.zu]	*!				
☞ [o.mil.'do.zu]					*
[o.mi.da.'do.zu]				*!	

Além dos dois exemplos acima mostrados, com exceção de 'piadoso' 'precioso', até mesmo as derivações formadas a partir de bases presas ('fremoso' e 'ceoso'), apesar de não apresentarem queda da VT, seguem essa mesma hierarquia, visto que evitam a formação de hiato e a inserção de elementos. Resta-nos agora saber por que os vocábulos 'piadoso' e 'precioso' fogem à regra.

Nas análises do vocábulo 'piadoso', percebemos que o desencadeamento da haplogogia está relacionado a uma questão estilística, para atender ao número de sílabas poéticas das cantigas, pois, diante da hierarquia observada, haveria outro candidato possível, considerado ótimo. Observemos o *tableau* abaixo, referente ao vocábulo 'piadoso':

Quadro 4: Análise de 'piadoso'

/pi.a.'da.de/ + /o.zu/	COMPLEX NUCLEUS	CODACOND	*HIATUS	DEP	MAX
[pi.a.da.de.'o.zu]			*!		
[pi.a.da.'deu.zu]	*!				
☞ [pi.a.da.'do.zu]					*
[pi.ad.'do.zu]		*!			**
☺ [pi.a.'do.zu]					***

Não temos a presença do que seria o candidato ótimo 'piadadoso', nas cantigas ou no glossário, mas, segundo a análise acima, podemos observar que o segundo e quarto candidatos estão em variação. Podemos dizer que 'piadoso' é um candidato simpático (pois este não viola restrições altas como CODACOND), mas também não é o candidato que menos viola as res-

trições.

Por fim, no vocábulo ‘precioso’, é possível observar que houve o desvozeamento da consoante /z/ e a inserção da vogal /i/. Vendo que a hierarquia comentada explica 97, 15% dos vocábulos apresentados (34 num total de 35), acreditamos que os processos desencadeados em ‘precioso’ não se tratam de processos fonologicamente justificados. No entanto, reconhecemos que a TO não é uma teoria perfeita, capaz de explicar todo e qualquer fenômeno morfofonológico.

Considerações finais

Este trabalho vem mostrar como teorias fonológicas podem contribuir para um melhor mapeamento da língua em suas diferentes épocas. Vimos que os adjetivos do PA formados por sufixação em -oso seguem, primeiramente, um padrão morfológico, já que sua maioria é formada a partir de substantivos, com poucas exceções.

Além disso, à luz da TO, pudemos verificar que a queda da VT é bastante comum no sistema dessa época, ou seja, a restrição MAX, que proíbe apagamento de segmentos no *output* é constantemente violada, mostrando-se baixa na hierarquia, enquanto as restrições COMPLEX-NUCLEUS, *HIATUS e CONDCODA são dificilmente violadas, ou seja, no fenômeno investigado, as restrições de marcação dominam as de fidelidade.

Pode-se concluir, também, que a TO, assim como outras teorias, não consegue explicar 100% dos fenômenos. Por isso é preciso estarmos em constante questionamento e renovação em relação às teorias fonológicas, como ao considerar a variação e o mecanismo da simpatia, por exemplo.

Referências

BASÍLIO, M. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1989. [1. ed. 1970].

FONTES, J. S. *Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval* [online]. São Paulo: Editora UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 254 p.

KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Morfemas do português*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

McCARTHY, J. Sympathy and phonological opacity. *Phonology*. Cambridge, v. 16, n. 03, p.

331 – 399, Dez, 1999.

METTMANN, W. Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria* (cantigas 1 a100). Madrid: Castalia, 1959.

_____. Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria: Glossário*. Coimbra: Universidade, 1972.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. New Brunswick: Rutgers Optimality Archive, 1993. (Thechnical Report 2). Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu>>. Acesso em: 10 out. 2017.

ROCHA, L. C. A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.